

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



É uma verdade que não precisa de provas, um axioma em materia de modas — que o *toilette propre* de baile não é o mesmo que o de passeio, nem este o mesmo que o de theatro, nem ainda este o *propre* de estar em casa.

Être propre é cousa de grande monta para uma moça; é talvez o mesmo que para um homem um discurso com todas as regras da rethorica, onde é preciso ter em vista o auditorio, o assumpto, as circumstancias, etc., etc.

Vós todas concordais com isso; não é preciso pois cansar-me em vos apresentar argumentos. Por consequencia não vos ides apresentar *impropria* em qualquer parte, porque o desar que acompanha este facto é um dos maiores que pôde recahir sobre uma mulher de salão ou de *bom tom*, em cuja conta nos temos.

Vêdes pois a necessidade do *Jornal das Senhoras*? Vêdes de que perigo elle vos livra, sempre sollicito em vos apresentar as modas existentes, para que trajeis sempre *comme il faut*?

Hoje por exemplo a vossa Ritinha vos offerece uma gravura de *Costumes propres* para os bailes *masqués*; visitas de Carnaval, passeios, etc., etc.

E' a prova mais evidente do que vos acabei de dizer. — Ella, reconhecendo que terieis desejo de saber o gosto universal nesse genero de *toilette*, apressou-se em apresentar-vos em tempo a moda

do Carnaval, afim de que appareseis (o que é sempre o seu *desideratum*) trajada no ultimo gosto, *propre* emfim.

É necessario porém notar que não vos offereço modelo algum destinado a servir de copia para o vestuario com que se deva jogar limões de cheiro.

E porque?... A razão é bem simples; é porque esse modo de brincar o Carnaval é antiquario e *desusado*, já não é o grande tom (nem nunca o foi), e hoje principalmente é quasi exclusivo da patuleia, não é o *distingué*.

Será preciso que vos dê as razões de não se dever accitar o entrudo?! Creio que todas vós estais convencidas que um limão de cheiro pôde constipar, machucar um olho, quebrar uma vidraça cujo vidro venha ferir-vos, além dessa especie de jogo tornar-se afinal n'uma *quêbra de corpo*, o que não é decente, para uma moça principalmente.

Entretanto as *intrigas dos bailes masqués*, quando são espirituosas e interessantes, divertem extraordinariamente, fazendo passar, como n'uma hora, uma noite inteira!

Não vos agrada por exemplo que um mascarado pergunte-vos com delicadeza por Fulano de Tal?! Não vos entrem em curiosidade de descobrir quem elle seja? se será o mesmo individuo por quem elle pergunta, ou algum amigo

que depois de conhecido vos possa dar noticias delle?!

Julgo que tendes o mesmo gosto que eu: por isso vos espero em todos esses divertimentos que nos ha de trazer o Carnaval, e trajadas como os figurinos que passo a descrever.

Não vos dou a descripção da presente Estampa, porque realmente seria enlazar-vos com a prolongada explicação de que ella carece, e ainda mesmo assim não avantajaria o meu trabalho.

Trajos taes de fantasia, a quereiros que sobresaia em elegancia e gosto, deve ser entregue a execução do seu figurino á artistas proprios, que não só conhecem o talhe e os costumes, mas tambem á maneira de lhes dar todo o realce que os torna distinctos. E' isto sem duvida uma das essencialidades para um elegante traje de Carnaval ser completo, e que, em nome do bom gosto, recommendo mui especialmente ás miuhas queridas leitoras que pretenderem bem trajar verdadeiros e completos costumes, para primarem nos proximos bailes *masqués*.

Por isto mesmo foi que adiantei-me apresentando-vos a presente Estampa, para que tempo tivesses de escolher uma e outra coisa — figurino e artista.

Começarei portanto da esquerda para a direita a indicar o traje dos nossos figurinos.

A 1.^a FIGURA — E' um *fashionable* vestido á rigor, para grande baile de corte, no tempo em que os homens não tinham tanto ciúme das pernas.

A 2.^a FIGURA — E' um costume á *Lavallière*:

lindo costume de veludo azul e setim branco com guarnições de galão de ouro. A elegante que graciosamente traja esta vestimenta está de braço com

A 3.^a FIGURA — Trajo de um Grego trasmontano. Este grego nos vestidos e ladino na linguagem dos affectos, com ares mesmo de grego ladino, dá o braço

A 4.^a FIGURA — Que é uma linda camponeza da Alsassia.

A 5.^a FIGURA — Está de costas. E' um elegante do nosso tempo, vestido á moderna — tris-tissimo *toilette* de homem que lhe serve para os bailes, casamentos, enterros, e pretensões!

A 6.^a FIGURA — Oh! como é bonito este costume! E' um *Majo hespanhol* — um amante que vai caular a endecha amorosa ao violão, em frente á habitação do seu *bem querido*.

A 7.^a FIGURA — E' um costume *turco-asia-tico*, executado em veludo e cachemira, com agaladuras de ouro.

Não especialisarei as de mais figuras que estão collocadas por detraz destas sete primeiras: em geral vós já conheceis essas vestimentas todas; e até mesmo o cabello empoado que tanta graça dá ás carinhãs redondas, coradas e vivas. Asséguro-vos porém que nos bailes de Pariz estes costumes forão os mais preferidos, e que os capacetes e os turbantes erão vistos a cada instante e quasi na maior parte dos mascarar.

Fico pedindo a Deus — dias frescos e noites serenas, para os passeios á tarde e os bailes á noite nos tres dias do Carnaval. *Ritinha.*

UM AMOR DE MULHER.

ROMANCE.

(Continuado do n.º 5.)

(Continuação da carta.)

« Constança e Lucila, que estavam sentadas juntas, levantarão-se da mesa, e forão-se em direcção ao quarto do *toilette* de Cecilia, nesse enlace gracioso formado pelos lindos braços de duas moças que cingem-lhes as cinturas como duas fitas de setim branco de leves toques cõr de rosa. Já ão tão entretidas n'uma conversa á meio segredo, que atinava-se logo com a causa da pressa que tinham de se verem em liberdade.

« Os rapazes, depois de acenderem seus charutos, espalharão-se pela casa inteira e pelo jardim.

« Uns forão para uma saleta d'armas de Carlos, eahi se entretinhão com os floretes e os espadões: outros conversavão fumando debaixo dos caramanchões de jasmims, e á sombra das latadas das parreiras e de maracujás: alguns fazião o quilo pregados á uma taboa de gamão, de xadrez ou de damas, enquanto outros jogavão o voltarete, o whist e o solo.

« Dous ou tres sómente havião acompanhado á sala de visitas o bello grupo de moças que ahi fazião estrepolias de toda a casta.

« Por entre os sons afios de um magnifico piano de Erard que tocava uma valsa forte, ouvíão-se-lhes as risadas gostosas em vozes que bem se conhecia que sabião entoar arias italianas, o ruído suave de seus passos na carreira da dança, e o ruge-ruge voluptuoso de seus vestidos perfumados que voavão no vortice da valsa.

« O dia era fresco e claro; todas as janellas dessa sala espaçosa estavam abertas; a alegria era a atmospheria que ahi se aspirava em brandos gólos, e a satisfação era a respiração que se distillava pelos labios vermelhos e doces dessas mulheres jovens e bellas que se engolphavão em seus prazeres innocentes.

« Por ora dançavão umas com as outras por falta de rapazes; mas em breve esse barulho magnetico chamaria de todas as partes essa rapaziada de *bom gosto*, como uma orchestra de theatro convida os *dilettanti*, como o canto das

serêas guiavão os viajantes, como um rochedo de linan attrahe a bussola de um navio que vai seguindo o seu rumo.

« A' excepção de um ou outro — desses que preferem as mudas e estupidas damas de ouros ou de copas ás damas de sentimento e de espirito — desses que preferem contemplar a effigie do Imperador gravada n'uma moeda de ouro á admiração dos bellos traços de um semblante de moça, todós os mais virião, d'onde estivessem, entranhar-se no seio dessa reunião, como a mariposa que vem aquecer suas asas em de redor de uma lampada accendida.

« Fernando tinha ficado na varanda a agradecer com Cecilia, que muito allictasinha de sua presença, toda corando, dava as suas ordens de dona de casa com tanta graça e com tanto enleio, que o fazia muitas vezes extatico a contemplal-a. Em pouco vierão para a sala na occasião em que as moças, ainda sós, tratavão de dançar uma quadrilha. Fernando foi para o piano, e já estava cansado de tocar sem que ellas decidissem quaes devião ser os cavalheiros.

« Carlos, que ia passando, aconselhou que as mais feias servissem de homens.

« Foi como um pouco de agua fria entornada no fogo: apagou-se o entusiasmo da contradação, — todas por modestia querião ser cavalheiros, mas se offerecião com frieza: bem se via que a vaidade não lhes permittia aceitar esse papel sem resentimento.

« Cecilia então pediu a seu marido que enco-tasse os rapazes para a sala, para se formar um divertimento em regra. Foi quando ella deu tambem por falta de Lucila e Constança, e foi encontral-as no gabinete de seu *toilette* entreditas a conversar tão esquecidas do mundo.

« Nesse mimoso *boudoir*, forrado de seda cõr de rosa e rodeado de espelhos e de *divans*, onde a luz do dia se infiltrava docemente por entre cortinas bordadas de caça e de taletá, convertendo-se em brandos raios de um *crepusculo voluptuoso* acompanhado de uma aragem edemica de perfumes delicados, essas duas moças já estavam ha meia hora n'uma conversação seguida, em que de vez em quando se ouvia em vez tremula e amorosa o nome de Fernando.

« Depois de terem admirado o luxo gracioso do tocador de sua amiga, as bambinellas de renda e de mosselina que o encobrião á meio, os candelabros de crystal, onde se engastavão velas de espermacete verdes e cõr de rosa, acesas ao meio dia, reflectindo uma luz divina e voluptuosa nas molduras de ouro de grandes espelhos cobertos de véos azulados e transparentes; depois de terem examinado todo o gabinete, toda a perfumaria, todos os moveis de um gosto oriental, entre elles uma linda estante ornada das obras completas de Byron, de Lamartine, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Gothe e outros, ellas se esquecerão de tudo isso, e nesse eden de amor fallarão de seus amores.

« Em poucas palavras eu te contarei essa linda conversação, esses divinos segredos de duas virgens:

« Constança contou a sua nova affeição por um estudante, amigo de seu irmão, e que parecia

amal-a muito, dizia ella. — Foi fiel á sua promessa, nada disse á Lucila do que se tinha passado entre ella, Julia e Fernando; e pelo contrario pediu-lhe que levasse até o fim o sacrificio que se tinha imposto — o fingimento.

« Apenas, concenciada que favorecia os projectos de seu irmão, que ella mesma não sabia, e simplesmente desconfiava, disse á Lucila a combinação que tinha feito com Cecilia para surprender a Fernando — que seu irmão não sabia que havia de vel-a nesse dia.

« Lucila por seu lado confessou á Constança que já não podia fingir mais, e que já ia suppondo que Fernando não a amava.

« Perguntou por diversas vezes com instancia á sua amiga se esse presentimento era verdadeiro; se Fernando não formava della um juizo desfavoravel, e o que elle havia-lhe confiado em segredo depois de sua indifferença fingida.

« Ao que Constança dizia, para socegal-a, ella oppunha a longa ausencia do estudante, que já não procurava vel-a, e que a havia comprimantado quando chegou muito seccamente.

« Estavão nesté ponto da conversa, que já haviam repisado mais de mil vezes, quando Cecilia descerrou a porta de cedro do camarim, e interrompeu-as com essas palavras maliciosas que pronunciou sorrindo:

— Lucila, Fernando mandou chamar-te!

— Não creio, respondeu ella.

— Mas que estavão vocês fazendo aqui sósinhas? continuou Cecilia; perguntei a Fernando se sabia onde estavão, e elle me respondeu que naturalmente affrouxando os coletes, porque vocês tinhão comido muito ao almoço. Não sei que reforma soffreu o teu poeta, Lucila, que está um *moleque de chapa*: levou a caçor commigo todo o tempo que estive ordenando o jantar, que julgo não o teremos senão ás quatro para as cinco horas da tarde.

« Estas palavras entristecerão Lucila; era ciúme, ou cousa que o valha, que a incommodava. — Disfarçou o mais que pôde, e perguntou corando:

— E' verdade, Cecilia, que elle se occupou de mim gracejando como dissteste?

— Occupou-se, respondeu a maliciosa de uma maneira que se conhecia a mentira.

— Eu logo vi: era impossível que elle fallasse em mim: elle já não me ama.

— Deixa-te disso, Lucila, interrompeu Constança.

— E' impossível, disse Cecilia. Lembra-te daquelle beijo....

— Porque, atalhou Lucila, condemnada a fingir que não o amo, não pôde ter acontecido que, pouco, a pouco convencendo-se disso, me fosse julgando indigna de seu amor, e que por fim me despresasse?

— Pois tens fingido que lhe és indifferente? perguntou Cecilia.

« Constança foi quem respondeu:

— E' uma historia muito comprida, que depois te contarei. — Vamos para a sala.

« A irmã de Fernando queria remediar assim a indiscrição de Lucila, e não divulgar o segredo de seu irmão a pessoas que não fossem interes-

sadas, nelle; embôra capazes de guardal-o fielmente.

— Pois vamos, disse Cecilia.

Quando chegaram já estavam quasi todos os pares no meio da sala. Dous rapazes (um delles era Guilherme) se adiantarão e derão o braço a Constança e Lucila. Carlos, que vinha um pouco atrás, parou defronte de Cecilia, a unica que estava sem par, e elle o unico cavalheiro no mesmo caso.

— N'um portuguez misturado de francez, todo inclinado, como um diplomata dirigindo a palavra á soberania do paiz em que está credenciado, elle disse á sua mulher:

— N. Ex. dá-me a honra de dançar este contradanse conmigo?

— Não, senhor, respondeu ella á graça de seu marido, porque *foa-pão com bolo*.

Depois tomou sempre o braço de Carlos, dizendo a todos:

— Vejão isto: pensa que ainda é meu namorado!

— Fernando era quem estava no piano: alegre como nunca o tinham visto; animava a dança.

— A quadrilha começou: Lucila ficava perto do piano; de costas para Fernando, assim como Constança. De vez em quando, apesar dos balbúrcios que elle fazia, ella virava-se para olhar o estudante. Encontrava-o sempre de cabeça baixa muito entretido a tocar: mas era porque ella estava contemplando sempre a ver seu procedimento para com Guilherme, que era

seu par, e prevenia-se logo que sentia que ella ia voltar-se.

Logo ahi Fernando convenceu-se do que lhe tinha dito sua irmã; entretanto Lucila se mostrava muito affavel e muito dedicada a seu par: mas certos movimentos, certas distrações, um não sei que a trahião no meio de seu fingimento:

— Uma occasião encontráram os olhos; e Fernando, de tão satisfeito que estava, sorriu-se para ella. Isto bastou para ella não poder mais fingir; e, pelo contrario, para não poder deixar de mostrar com paixão o seu amor tanto tempo abafado. Começou a pregar desfeitas ao pobre do Guilherme, que amou-se logo na segunda, e deixou-a livre á expansão de seus sentimentos.

— Mas encontrou Fernando sempre indifferente e frio como uma estatua de gelo. Ella começou então a duvidar da expressão daquelle sorriso que elle tinha-lhe dado quasi indiscretamente.

Quando terminou a quadrilha tinham-se trocado as bolas; tinham-se invertido os papeis representados no baile do casamento de Cecilia. Lucila era a apaixonada e lacerada de ciumes; Fernando o indifferente e convencido de ser ainda amado.

— Aqui paro esta carta, porque estou com muito somno, e só muito mal-te poderia contar o resto deste dia.

— Adeus; pretendo descer a serra da Estrella d'aqui a poucos dias; quando não, continuarei a escrever-te.

Teu L...

(Continua.)

A DESDITOSA.

ROMANCE.

(Continuado do n.º 7.)

III.

A DESGRAÇA.

D'ahi é que data a successão de factos que horrorisão o coração do homem civilisado.

Na ausencia do morgado, o Barão.... chamou sua sobrinha, e lhe participou o passo que tinha dado para sua felicidade, assegurando-lhe ao mesmo tempo o desejo de ver isto concluido sem objecções; ao que ella nobremente lhe respondeu:

— Meu tio, ninguém mais do que eu reconheço o quanto V. Ex. tem feito por mim, triste orfã; mas espero que não me forçará a concluir um tratado que não poderá ter logar, e que não me sinto com forças para desempenhal-o.

— Não vejo inconveniente algum, Ignez, pelo qual te possas eximir, disse o Barão um pouco contrariado, e apenas podendo soffrer a raiva, que procurava dissimular, dando um caracter mal fingido do carinho. — Estou curioso por

saber qual seja a razão poderosa que allegarás para me dissuadires de um negocio em que empenhei minha palavra....!

— Sim, a escolha que fizestes era digna de mim; porém fizestes mal em empenhardes vossa palavra sem que me tivesses consultado acerca de um negocio que joga com a vida inteira de uma mulher.

— És muito criança, e não podes ter vontade.

— Oh! meu tio! pois por ser-vos eu subordinada devo por ventura expellir os sentimentos nobres de meu coração, e sujeitar-me á uma vontade de ferro, e, qual escrava submissa, unir-me á um homem que me designais, embora eu o deteste?!

— Elle é nobre, rico, e tem uma posição brilhante na sociedade.

— Meu tio, antes de olharmos para a posição e riquezas deste ou daquelle homem, devemos olhar para seu coração. Esse, que me apresentais, não duvido que seja uma boa creatura,

porém tem um genio muito altivo e arrebatado.....

— E que me importo eu com o seu genio arrebatado?

— Bem sei que vos não importais; porém eu; que, sendo sua esposa enquanto existir, tenho de viver-lhe sujeita; muito me devo importar. De mais, senhor, como poderei ligar meu futuro ao de um homem com quem antipathiso? como poderei vel-o a todos os instantes no dia? Não será isto um martyrio cruel? e, dizei-me, não tereis pena de sacrificar vossa sobrinha?

— Muito tens fallado, e afinal não tens dito nada. Não vejo qualidade alguma; no mancebo que escolhi; que o desdoure; portanto desde já vos affirmo que, sem admissão de réplicas, nem tão pouco de supplicas, vos haveis dentro destes dous mezes esposar com Amancio G.....

Apenas açabou de pronunciar estas palavras proferidas com o accentó da raiva e da indignação, deu-lhe as costas, e ia sahindo quando de repente, voltando sobre os calcanhares, descreveu meio círculo e dirigiu-se para ella, que, sentada junto á uma janella, chorava:

— A proposito, dize-me, tu que fallaste de sympathias e antipathias, e com tanto calor; deves necessariamente ter escolhido alguém á quem consagres tuas afeições.....

— E' verdade, infelizmente, meu tio; porque, se não tivesse amado á alguém, de bom grado me sacrificaria pela vossa felicidade.

— Muito bem! Agora dize-me quem é este feliz mortal, e como se chama? disse o Barão chasqueando.

— Senhor, é o Dr. Borges, que está estudando na Universidade de Coimbra.....

— Ora! pensei que fosse alguma cousa melhor! Um pobretão..... e..... Não vale a pena.....

E, dizendo isto n'um modo de desprezo, desapareceu deixando a pobre moça entregue á desesperação e aos suspiros e lagrimas.

Tratou-se do enxoval com tal presteza, que dentro de quinze dias estava prompto, e o casamento transferiu-se para antes do dia aprazado.

D. Ignez succumbiu ás ameaças de seu tio; e no dia assignalado tiverão logar as nupcias no convento de S.....

IV.

A RESURREIÇÃO.

Deixemos o casamento por um pouco de parte, e fallemos agora dos meios que empregou Amancio quando soube que um mancebo, e pobre, lhe fazia frente.

Amancio, sabendo que D. Ignez se correspondia com o Dr. Borges, tratou de terminar esta correspondencia, conseguindo a peso de ouro receber todas as cartas do Dr. e de D. Ignez, e, deixando-os passar alguns dias sem receberem cartas; mudou a letra e escreveu, dando parte á familia do Dr. que este fallecera de uma apoplexia fulminante. A familia do infeliz moço cobriu-se de luto, e D. Ignez, persuadida que a noticia era verdadeira, visto sua alma não ser mais deste mundo, deu o *sim* fatal á seu tio.

Amancio continuava a interceptar as cartas

do Dr. Borges, sem contudo atrever-se a responder-lhe.

Tudo estava desta forma, quando pelo meado de novembro, chegou o vapor *Tejo* trazendo a seu bordo, entre algumas personagens illustres, o doutor que havia sido formado.

Ora, apenas este saltou em terra, procurou-me, para saber a razão pela qual D. Ignez ha tanto tempo não se dignava responder á suas cartas.

Imaginai como não fiquei eu desapontado, vendo o Dr. Borges a quem eu julgava morto! Primeiramente persuadi-me ser um fantasma que surgia da terra para me suffocar; porém depois de alguma hesitação vi que não era illusão de meus olhos, e alegrei-me a ponto d'elle julgá-me em estado de loucura.

Declarei-lhe tudo quanto havia succedido, sem contudo nada dizer-lhe acerca das cartas falsificadas, pois que eu, assim como todos, ignorava esta infame circumstancia.

Elle, receando ser descoberto antes de saber o que desejava, debaixo de segredo foi para casa de seus pais, e de lá escreveu uma carta a D. Ignez, exigindo da parte della uma formal explicação. Esta carta foi entregue á uma pobre, prometendo-se-lhe, no caso de trazer resposta, dez mil réis de alviçaras, offerta que immediatamente aceitou, indo em continente á casa de D. Ignez.

Apenas ella bateu na porta para pedir sua costumada esmola, D. Ignez, que na occasião passava pelo corredor, abre a cancella, e a pobre viu-a, e pelos signaes que lhe tinham dado conheceu-a:

— Minha devota, um moço que muito vos conhece, pediu-me que vos entregasse esta carta. Desejava que V. Ex. me desse a resposta, por que d'ahi resultaria um grande bem á sua pobresinha.

— Quem é esse homem, senhora?!

— Um moço estudante de Coimbra.

— De Coimbra?!

— Sim, senhora, de Coimbra mesmo.

— Seu nome, seu nome.....

— E'..... é..... Jorge..... não.... não é..... Vah-me Deus!

— Será Borges?

— E' isso mesmo: que bonito moço!

Nenhuma hesitação houve mais da parte de D. Ignez, rasgou o sinete da carta, abriu-a e devonou-a.... Houve um grande silencio em que só se ouvia o arfar accelerado de seu peito. Depois, como que despertando de um pesadello, com palavras muito compassadas, mandou que a mendiga esperasse na escada: fechou a porta e retirou-se para o seu quarto, d'onde tornou a sahir, e enfiou pelo quarto de seu esposo; abrange a secretaria, pela primeira vez que ali bulia, e dá com as normas das cartas que tinham servido de ensaio ao trama que elle pozera em pratica! Como uma louca, fechou-a immediatamente, levando nas convulsivas mãos a prova fatal do crime do esposo.

Respondou á carta do doutor, tendo o cuidado de mandar-lhe as normas; precipitada entrega á mendiga a carta acompanhada de uma peça de ouro, regressa a seu quarto, e cahé inanimada..

O doutor, apenas leu a carta, descobriu toda a intriga; mas, ainda duvidando de seus olhos, corre a buscar a carta que fôra entregue á sua familia dando parte de sua morte; reconheceu a mesma letra, e deu uma gargalhada estrepitosa.

Todos o julgááo louco. Entregue porém aos cuidados do doutor J..... no dia seguinte estava quasi restabelecido: tinha sido um ataque cerebral.

— Que miseravel! atalhou Julio; que intrigas mesquinhas!... que character malfazejo...!

Quatro dias se passarão nesta cruel alternativa de parte a parte; no quinto dia porém D. Ignez, não podendo mais occultar as emoções de que se sentia accommettida, pediu uma audiencia a seu esposo, em particular.

(Continua.)

POESIA.

MEU AMOR.

Meu amor foi astro errante,
Foi suspiro d'agonia,
Foi peregrino sem guia,
Foi centelha vacillante.

Meu amor foi serafim,
Foi uma nota do Céu,
Foi uma noite sem véo,
Foi puro e casto jasmim.

Acalentei-o um só dia,
Esvaeceu-se n'un — ai,
Como um suspiro se esvai
Nos effluvios d'alégria.

Um dia o astro tombou,
O peregrino gemeu,
O suspiro se perdeu,
A centelha se apagou.

O serafim se exilou,
A nota se esvaeceu,
A noite se escureceu,
O jasmim se desfolhou.

M.

MEU ÚLTIMO DESEJO.

Quando eu morto estiver já estendido,
Com os braços cruzados sobre o peito,
Se alguém houver ainda, que não tema
Achegar-se do morto junto ao leito;

Que piedoso me diga no ouvido
Lida mais esta vez — o nome della,
E meu seio talvez palpite ancioso,
Que morto o coração ainda anhela.

Solevante-me as palpebras cahidas,
E me ponha defronte o seu retrato;
P'ra que a vez derradeira — os olhos veja
Essa luz, que os guiou — no acerbo trato.

E por ultimo, sim, que não esqueça
De um pobre que já foi — esse pedido:
Que meus labios se collem sobre os della,
E contente hei fazer — no pó dormido.

E que não tema, não, se estremecer
Ao contacto querido este meu peito;
Que eu prometto dormir eterno somno
Estendido — no meu funereo leito.

Outubro, 1852.

Andrada Machado.

MULHERES CELEBRES.

(Continuado do n.º 7.)

E

EBBA, abbadessa do mosteiro de Coldingham, na Irlanda. Quando os Dinamarquezes, nas suas costumadas incursões, atacááo em fins do século IX a bella patria de *Ebba*, persuadiu esta ás suas consternadas companheiras que a imitassem, cortando o nariz e os labios, afim de escaparem á brutalidade dos vencedores: os monstros, para punil-as do feito heroico, incendiááo o mosteiro, onde *Ebba* pereceu no meio das chammas, preferindo á morte a subsistencia da casa pia de que se encarregára.

EDITHA (*Santa*), filha de Edgar, rei de Inglaterra; nasceu em 961, morreu em 984. Depois da morte de seu irmão Eduardo, os nobres inglezes a chamááo ao throno, ao que ella negou-se; e, abandonando as pompas do mundo, abraçou a vida monastica.

EDMUNDA SOPHIA GAIL, distincta compositora de música; nasceu em Melun em 1776, morreu em 1819. Produziu as operas: *Os dois ciumentos*; *Mademoiselle Delaunay na bastilha*, e a *Serenata*.

ELEPHANTIS. Escreveu um tratado sobre a *belleza artificial*, onde ensinava o modo de em-

branquecer e suavisar a pelle, de carminar os beiços, etc., etc., isto é, um formulario dos cosmeticos outr'ora empregados, e que ainda hoje, mais ou menos modificados, têm seu logar nos nossos toucadores. Esta mulher, de costumes em extremo depravados, foi tambem autora de varios livros licenciosos, que merecerão o titulo de *Paginas da bella Elephantis*.

ELISA BENNETT, romancista ingleza de alguma reputação litteraria; morreu em 1808. Escreveu: *Ignês de Couray; a Orfã do presbyterio; Anna ou a herdeira ingleza*, e outras menos conhecidas.

ELISA CHERON, pintora, poetisa e musica; nasceu em Pariz em 1648, morreu em 1711. E' muito elogiada pelo seu quadro a *Descida da Cruz*; escreveu: *Psalmos e canticos* em verso; compoz: *Arias e um Te-Deum*.

ELISA GUÉNARD, baroneza de Meré, litterata; nasceu em Pariz em 1751, morreu em 1829. Este fecundo e brilhante talento doou ás letras patrias 55 volumes sobre diversas materias, contando o primeiro delles a sua historia narrada com sublime ingenuidade e desinteresse.

ELISA HEYOOD, filha de um pobre mercador de Londres; nasceu em 1695, morreu em 1756. Começou sua existencia gloriosa como actriz do theatro de Dublin, e abandonou essa carreira

para seguir a da litteratura, onde creou um nome que nem um dos criticos inglezes ousou contestar. Escreveu: *A nova espectadora; O espirito universal; Aventuras de Betsy; A nova utopia*, e muitas outras obras.

ELISA MERCOEUR, poetisa; nasceu em 1809, morreu em 1835. Mudos ficaram aquelles que, como o sabio latino, dizem ser a mulher um ente imperfeito, um abortio da natureza incapaz de toda e qualquer producção do pensamento, se lessem as lindas poesias dessa joven, dessa creatura privilegiada que na idade de dezoito annos já ensinava diversas linguas e sciencias para com o rendimento que d'ahi lhe provinha sustentar sua velha e adoentada mãe! — Châteaubriand a chama o anjo da harmonia, e a Sra. Vicil, em uma bem elaborada biographia impressa no *Moniteur des Demoiselles*, tributa-lhe todos os elogios de que ella é digna; porquanto, no nosso humilde entender, tudo merece a autora desta formosa e encantadora estrophe:

« Dans une route déflurie,
Sous un ciel froid qu'oublie un soleil bienfaisant
Je n'ai rencontré par ma vie,
Qu'indigence, regrets, vains desirs, et pourtant
J'ai peur de la quitter cette existence amère,
Et je viens vous prier: Sauvez-moi pour ma mère! »

(Continúa.)

CHRONICA DOS THEATROS.

Antes de tudo, como uma homenagem ao Genio, a noticia que o Sr. João Caetano representou na *Dama de S. Tropez*, nos theatros de Santa Thereza e S. Pedro de Alcantara.

O que se ha de dizer mais desse homem? Ainda uma vez esteve sublime; ainda uma vez mereceu todos os elogios que uma penna no auge do enthusiasmo pode traçar sobre um papel.

No theatro de S. Pedro de Alcantara teve o artista muitos e repetidos applausos; mas será difficil que reproduza-se o enthusiasmo renético da noite de sabbado 11 do corrente, em que S. Domingos resou o echo de duas poesias recitados dos camarotes do theatro de Santa Thereza, como duas çascatas de poesia desprendidas de nuvens doiradas que se quebravam contra o coração do povo.

Forão dous estudantes de S. Paulo que as recitarão.

No Provisorio tem-se repetido a *Favorita*: na ante-penultima vez M.^{me} Jacobson mereceu os applausos geraes; mas na noite de domingo, não sei se por ter chovido, ou se por causa de tambem ter havido S. Pedro de Alcantara e S. Francisco, o Provisorio foi pouco concorrido pela platéa, — razão talvez por que não teve os mesmos applausos, — pois tambem cantou soffriavelmente.

Na terça-feira tivemos ainda *Favorita*: já estou abarrotado; — tenho muito máo ouvido; entretanto tenho tido tempo de aprender a cantarolar: *Oh! mio Fernando.....*

Sancho.

CORREIO DOS SALÕES.

Um correio dos salões é um Mercurio de nova especie. Deve ir a todos os bailes e theatros, conversar com todas as moças, analysar todos os espectaculos, descrever todos os *toilettes*, contar enfim tudo o que ouve de novo e de bello. Parece-vos talvez, queridas leitoras, a cousa mais facil deste mundo escrever noticias, e um en-

gano; para um pobre como eu, que não confia muito em sua memoria; que gasta todas as folhas de sua carteira em escrever tudo o que vê, em notar tudo o que lhe contão, e que nem sempre tem o lapis apartado; é um trabalho penoso e de uma responsabilidade que eu declino. Entretanto o correio dos salões não pôde deixar de appa-

recer, já tomou uma posição, e, emquanto não for batido por alguma força russa ou turca (que é o que anda em ordem do dia), não ha de abandonar seu posto.

Cada um com seu dever: o advogado que não abandone sua banca; o magistrado que não esqueça a banca; o comico que não deixe de representar; o correio dos saloes não deixará tambem de dar noticias, é um telegrapho electrico está-beleecido entre este jornal e todas as novidades da corte, e talvez, minhas leitoras, graças aos progressos materiaes de nossa terra, ainda o vejais de vossas janellas com o sacco de suas noticias correndo electricamente pelos fios de nosso telegrapho, ou rebentando inesperadamente de algum tubo de gaz que naturalmente deve ficar perto da porta de nossa typographia. Mas parece uma fatalidade de nossa terra que tudo o que diz respeito a correios seja mal encaminhado, que em lugar de chegarem as malas a seu destino, sejam extraviadas e illudão assim as esperanças de muita gente; até eu, em lugar de vos dar as notícias que me chegarão mais importantes, estou vos molestando a paciencia com historias que não vêm ao caso, e talvez até illuda os ancieos correspondentes ao exordio deste correio.

Vamos ao que serve. Digão-me o que disserem, este Rio de Janeiro é um mar de divertimentos; faça sol ou chuva, seja inverno ou verão, ha sempre bailes resplendendo de luzes e perfumes, sempre theatros com espectaculos que de hoje em diante promettem ser mais felizes. Vós já o haveis de saber: foi um facto tão importante, que supponho ninguém nesta cidade ignorou. O nosso estimado e inimitavel João Caetano reapareceu em scena. Foi no theatro de Santa Thereza; todo o mundo esperava ansioso pelo sabado, e elle appareceu rompendo por uma bella manha — solemne contraste com os dias antecedentes, que forão chuvosos e carregados. Mas o tempo é como a maior parte das moças, inconstante e variavel: á tardé, quando o vapor das cinco e meia estava apinhado de povo que já não cabia, desfechou um horrendo temporal que fez

vacillar muitas esperanças. Felizmente houve espectaculo, o theatro esteve concorrido, o principe de nossa scena rebentou dos bastidores, e a platéa prorompeu em palmas convulsivas que attenção ao eximio artista as sympathias e admirações que o seu talento tem grangeado. Foi chamado á scena e applaudido entusiasticamente pelo povo e pelas bellas Nictheroyenses que saudarão com seus lenços o reaparecimento do nosso primeiro actor.

Deixemos porém o theatro de Santa Thereza. Fallemos no *Campestre*. Houve baile, e a proposito delle vem-nos á idéa algumas recordações dos tempos pagãos.

Antigamente, vós o sabeis, haviaõ deosas que presidião certas festas: Venus a dos amores; Minerva a das sciencias; — nos nossos dias tambem temos certas deosas que presidem á nossas festas, e por signal que a deosa do nosso *Campestre* faltou desta vez: porque, não sei; o facto é que o baile esteve illuminado como sempre, mas estava escuro. E' que faltava uma linda moreninha, cujo rosto espalha a alegria por todos os semblantes, seus lindos olhos negros como dous brilhantes a illuminarem as treyas de muita alma, sua graciosidade emfim que sabe diffundir a vida em todos os corações. No entanto houve, não faltou quem se divertisse; riu-se e dançou-se, comquanto um pouco menos que nas outras vezes, por causa da noite chuvosa. Assim são as cousas do mundo!

Tambem tivemos no Provisorio as promettidas *Favoritas*. M.^{me} Jacobson desempenhou sempre o seu papel com o talento que a caracteriza. A *Favorita* é incomparavelmente a primeira inspiração de Donizetti; poeta que era, soube modular seus cantos em harmonias do Céu, dando a morte na vida de suas notas celestes, e restituindo-a no modulado enternecido de seus cantos immortaes. Era poeta, e basta.

O Carnaval não tarda; o que será, não sei; quando elle chegar dar-vos-hei delle noticias exactas. Por hoje, minhas leitoras, contentai-vos com o que ahi fica escripto. C....

Domingo que vem nossos assignantes receberão mais uma outra Estampa de lindos figurinos de fantasia. Era nossa intenção dal-os com muito mais antecedencia do que o fazemos; porém, recebendo nós a encómmoda um pouco tarde de Paris, o unico meio que nos restava era distribuil-os por esta forma, já muito contentes de vos poder dar com oito dias de antecedencia esta primeira Estampa.

AS CASAS — WALLERSTEIN — E CASTELL

RUA DO OUVIDOR, 70 e 44

Vendem lindissimas Estampas de figurinos de fantasia para o Carnaval. Entre ellas ha Estampas de engraçadissimos figurinos para crianças que recomendamos como um objecto de bom gosto e galanteria.

As charadas do n.º 7 são: 1.^a, *Abraco*; 2.^a, *Ermelinda*; 3.^a, *Amor*.

Acompanha este n.º 8 uma grande Estampa de figurinos de fantasia.

